

Narcisismo e Vínculos

**CLÍNICA
PSICANALÍTICA**

Lucía Barbero Fuks

Casa do Psicólogo®

2.

NARCISISMO E VÍNCULOS NA ATUALIDADE¹

O indivíduo protagonista da modernidade procurava dotar a vida de consistência e sentido, dando um lugar preponderante aos sentimentos como fundamento e suporte de vínculos e instituições. Portador de um sentido prospectivo de sua própria existência, concedia-lhe o caráter de uma luta por libertar-se de poderes e discursos unívocos e cristalizados que poderiam vir a ameaçar a conquista de um futuro melhor. O homem tinha parceiros nesses confrontos e as lutas assumiam formas coletivas. O vínculo amoroso se fazia presente ao longo do percurso, acompanhado frequentemente de uma carga de exaltação e dramaticidade. Principalmente nas tramas amorosas dos romances, mas um pouco também na vida real, podia-se chegar a morrer de amor.

¹ Texto apresentado no dia 9 de maio de 2002, no ciclo de debates Desafios para a Psicanálise Contemporânea, promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, São Paulo; publicado originalmente na revista *Percurso* (ano XV, nº 30, 1º semestre de 2003, p. 25-30) e reproduzido no livro homônimo, organizado por Lucía Barbero Fuks e Flávio Carvalho Ferraz (São Paulo: Escuta, 2003, p. 73-84).

A contemporaneidade abre espaço para um posicionamento que um primeiro olhar nos mostra como de menor compromisso frente à vida: surge um sujeito mais indiferente em matéria de afetos, com uma modalidade menos densa, sem paixões intensas, o que o conduz a uma existência que "não comporta tragédias". Vive exatamente o oposto à tragédia: um ar leve, carente de dramaticidade. Falta-lhe uma disposição de passagem para o estabelecimento de projetos individuais ou coletivos, inclusive em se tratando da família.

Nas relações interpessoais, a possibilidade de dialogar cede espaço à imagem, e a palavra perde relevância como suporte do pensamento e da subjetividade, e também como suporte da intersubjetividade e do vínculo. Fala-se em um neonarcisismo próprio desta época, que instaura um culto pelos corpos cuidados e uniformizados num mesmo padrão de beleza. Há prevalência da aparência, em detrimento de qualquer profundidade; talvez haja, também, mais intercâmbio de imagens que de pensamentos, emoções e palavras.

O risco disso reside na convergência entre o narcisismo e a pulsão de morte. Narciso morre ao entregar-se fascinado ao seu próprio reflexo: a pretensão narcisista da coincidência absoluta com o ideal implica a morte do sujeito desejan-te. Quando isso adquire uma intensidade maior, pode virar patológico, levando-o ao vazio da existência, talvez a um sentimento, insuportável já, de não existir mais.

Tanto a *vivência de si* como o *sentimento de continuidade* no transcurso temporal têm seu apoio no sentido de pertinência

ao conjunto de relações humanas, em cujo contexto a singularidade da vida individual ganha significação. O sentimento de *vazio* é a manifestação da retração narcísica concomitante ao desinvestimento global da realidade. Vive-se uma vida marcada pelo isolamento, a solidão, o desassossego crônico, o embotamento e o tédio.

Devemos pensar esse desinvestimento como um desligamento (*Entbindung*) da relação com o outro (objeto), desunião do conjunto, o que reforça o voltar-se sobre o *ego* e principalmente sobre o corpo como objeto narcísico primário. Mesmo que, como vimos, o corpo se insira numa rede de significações socialmente valorizadas — moda, beleza, saúde etc. —, essa rede não chega a encobrir a intensidade das vivências hipocondríacas resultantes. As drogas legais ou proibidas, assim como o recurso a especialistas de todo tipo, podem ser buscados como paliativos. Mas também a própria relação com o outro pode sofrer esse destino.

Pode acontecer que o outro seja transformado em objeto narcísico — que a identidade fique ligada a ele prioritariamente —, ou seja, objeto idealizado de cuja apropriação dependerá o todo do ser. A lógica da paixão pode incluir um modelo de relação dual absoluta; por outro lado, todo enamoramento implica idealização e dependência. Mas as relações narcísicas atuais, envolvendo uma sexualidade desligada do amor, tendem a se impregnar de características adictivas, empobrecedoras quanto ao interjogo de prazer e reconhecimento.

Os chamados "transtornos narcísicos da personalidade" podem ser compreendidos como expressão da tensão existente entre o ideal de indivíduo dotado de autonomia, valorizado atualmente, e as exigências que lhe impõem uma realidade cada vez mais imprevisível, tornando-o vulnerável e capaz de desfalecimentos inesperados. A relação com as outras pessoas, em geral, pode ser sentida como uma ameaça para o equilíbrio psíquico, gerando uma resposta de hostilidade e retraimento defensivo.

O determinante nessas perturbações do narcisismo é a pressão da realidade atual, com a complexidade e as contradições que a caracterizam. Isso não impede que possam vir a se sobrepor a sintomas e traços neuróticos preexistentes que são resultantes, como sabemos, das vicissitudes da história infantil dos sujeitos.

Há, finalmente, um terceiro fator que impõe uma exigência de plasticidade a esse *ego* tensionado no limite da exasperação. Reside na tarefa difícil de recompor a esfera dos valores e de reelaborar um projeto identificatório no campo da identidade sexual. A dificuldade se origina no contraste entre a configuração do ideal de *ego* construído a partir do *ethos* (sistemas de valores) familiar, grupal e cultural das gerações anteriores e os papéis e identidades sexuais ou de gênero promovidos pelas mudanças contemporâneas nas relações entre homens e mulheres.

Considerar esse fator é fazer entrar em cena um personagem fundamental: o poder. Os vínculos entre homens e mulheres são permeados por relações de poder que devem

ser analisadas desde perspectivas simbólicas e materiais. Cada sociedade elabora um sistema de regras para tentar repartir o poder e o prazer. Nos países ocidentais, por exemplo, os judeus, cristãos e muçulmanos proscreeveram, cada um a seu modo, a mulher e o erotismo.

Talvez especulando um pouco, alguns antropólogos e psicanalistas se perguntam, inclusive, se não existiria uma articulação entre o poder, o sexo e a morte, encontrando-se isso presente em todas as produções culturais. Chegam a se perguntar se a finalidade do poder não seria, em última instância, a de dominar o indominável, precisamente esse indominável que o sexo e a morte implicam. Diz Paul Verhaeghe (2001):

Tratando-se do campo da morte isso é evidente. Não tem poder mais absoluto do que o que dá acesso à imortalidade. No que concerne ao campo da sexualidade, as relações com o poder são menos evidentes e, por outra parte, mais difíceis de admitir. Na verdade, a sexualidade não está ligada ao poder de forma simples. Essa ligação constitui, mais bem, um cruzamento em que poder e morte se encontram enquanto meio para sobrepassar esta última. (p. 12)

Nas sociedades ocidentais consideradas — voltando para a dimensão histórica —, essa distribuição de poder se caracteriza por uma dominação masculina que se exerce através de uma "lógica" própria de todo sistema de dominação: trata-se de um "princípio simbólico", que é reconhecido tanto pelo dominante

como pelo dominado (Bourdieu, 1998). Faz-se presente na linguagem, no estilo de vida, na forma de falar e de se comunicar. O fato de, aos poucos, tanto a mulher quanto o erotismo se libertarem da proscricção antes apontada tem suas consequências. A primeira é a confusão entre os homens. As mudanças produzem dúvidas e animosidade, acrescentadas de tentativas de retornar aos "bons tempos".

As alterações da relação de forças, resultantes de transformações protagonizadas pelas próprias mulheres, significou uma quebra na trama simbólica que sustentava os lugares respectivos. O fato de as mulheres terem sido o "sujeito social" dessa transformação não as isentou do custo subjetivo desse processo. Não podemos esquecer que a maior parte das mulheres até agora foi educada em famílias mais ou menos tradicionais, nas quais as coordenadas edípicas da identidade remetem o essencial dos valores e significados do feminino ao modelo matrimonial e reprodutivo burguês.

A maternidade foi entendida, em consequência, como "natural" da condição de realização da mulher, assim como a posição passiva frente ao desejo sexual e à conquista do homem. Como realização social, a mulher podia desejar casar-se e ter filhos, o que também trazia proteção e segurança, sendo que o papel masculino tradicional compreendia o sustento da família, trabalhando fora do lar, e a tomada de decisões importantes no contexto externo.

Emiliano Galende (2001) denomina "fratura subjetiva" um processo de ruptura de significados e valores que eram os que

organizavam e sustentavam sua identidade subjetiva de sexo e seus comportamentos práticos. Ela também afeta os homens. As mudanças atuais da relação homem-mulher alteram os valores de sua identidade e os levam a sensações de fragilidade antes desconhecidas. Chegamos assim a esse fator de vulnerabilidade, que se acrescenta ao que disse anteriormente.

Os homens parecem perplexos, desorientados, em boa medida desconfiados, perguntando-se o que se espera deles. Perguntam-se qual será o lugar que lhes corresponde junto a essas figuras nunca antes imaginadas a partir do modelo de suas mães. Resulta-lhes difícil entender o que mudou entre as expectativas "conhecidas" ou tradicionais e uma atualidade que inclui as conquistas femininas do último século. Uma adaptação superficial aos usos e costumes convencionais compensa mal o sentimento de irrealidade resultante da ausência de contato emocional dentro dos casais.

Instauram-se verdadeiras confusões de línguas. O fantasma, ou a representação, ou ainda a encenação, são, sem dúvida, uma das partes constitutivas do erotismo. Fala-se bastante da impossibilidade de coincidência ou "encontro complementar" entre as fantasias próprias dos homens e das mulheres, que pre-sidem e organizam a aproximação erótico-amorosa de cada um deles. O gozo não está, ao menos totalmente, na satisfação da pulsão sexual, mas no gozo do objeto, como revela toda fantasia masculina sobre o prazer que se deseja perceber na mulher.

O predomínio — ou a quase a exclusividade — da atividade genital no imaginário masculino tem sido caracterizado como

algo de caráter fetichista; a fantasia de cativar uma figura tão relevante quanto fora do alcance, é vista como erotomaníaca. Já há quem interprete nessa linha a formulação enigmática de Lacan de que "a relação sexual não existe" porque cada qual se relacionaria com seu próprio fantasma.

Mas o que se pode pensar como essencial ou estrutural da relação sexual, parece entrecruzar-se com as vicissitudes da história. Nessa configuração do modelo de mulher atual — autônoma, dona de si e sexualmente livre — resulta difícil ao homem reconhecer e aceitar uma dimensão de fragilidade que possa depender, ainda, de uma resposta de sentimento, compreensão, cuidado, reconhecimento e amor.

Por outro lado, sabemos que as questões de poder têm uma forte inércia. Parece que a igualdade nas liberdades sexuais e nas hierarquias não se tem revertido em maior igualdade emocional afetiva. Mas isso também poderia ser explicado por *uma nova repressão ou recalçamento no homem*, que se impõe agora mais sobre a emoção e sobre os afetos do que sobre o sexo.

E vem somar-se a tudo o que foi dito anteriormente. O sexo se transforma em uma *performance* que tem como alvo uma eficácia e uma eficiência: tem que dar certo. E isso se agrega ao caráter de desafio que vai tomando a interação do casal em todas as frentes. A exaltação do individualismo, somada à competição acirrada que impera no espaço social global, infiltra também as relações pessoais, inclusive as de casal, impregnando as iniciativas que buscam reformular a distribuição de espaços e papéis de um caráter belicoso e competitivo

entre marido e mulher. Finalmente, tende-se a estabelecer uma competição sem fim e sem saída baseada no princípio de que o homem não pode desistir de "provar" sua masculinidade, a partir da qual propõe saciar o desejo de sua companheira, e a mulher nunca é suficientemente mulher para saciar o desejo dele. Predomina, assim, um confronto especular de semelhantes competidores sem uma intersubjetividade que sustente um jogo de diferenças, de matizes e de enigmas, de visibilidade e velamento, com espaço para o desenvolvimento do humor e da ironia.

Podemos postular, seguindo Paul Verhaeghe (2001), que o confronto especular apontado corresponde ao predomínio de uma relação dual narcísica, sendo que o vínculo intersubjetivo só se tornará possível à medida que se passe a uma configuração triangular, constituída pelo *eu*, o *outro* e a *falta*. A falta é impossível de ser preenchida. No modo dual, o eu se vê compelido a suprir a falta no outro de forma total, absoluta e concebida a partir de um saber não sujeito a dúvida, e apoiado em ideais preestabelecidos e supostamente compartilhados.

A passagem do dual ao triangular corresponde a uma passagem do regime da pulsão ao registro do desejo. Quando elas fracassam, o pulsional puro, não processado, impõe um regime de descarga imediata, sem postergação nem mediações, alheio à ligação (*Bindung*) pela via da linguagem, como também a qualquer forma elaborada de um compartilhar ou intercambiar emoções. Talvez seu protótipo seja essa máxima e fundamental descarga emocional constituída pelo *grito* desprovido de qualquer significação.

Quando Freud falou do grito do bebê, que acompanha a movimentação muscular desorganizada resultante do incremento da tensão de necessidade, referia-se a uma descarga que passava a ser operante como sinal de ativação da resposta do semelhante destinada a uma ação específica, sendo o precursor de toda expressão emocional comunicativa. No entanto, o grito de que aqui se fala não aparece associado a nenhuma ordem de significação ou eficácia pragmática e, ainda menos, utilitária. Se indica algo, é a presença de uma fronteira ou de seu atravessamento, disruptivo e inassimilável. Para um lado dessa fronteira, num território já marcado pelo *egoico*, o grito pode virar impróprio ou insulto, intenção agressiva que marca já a presença de um prazer narcísico, de domínio e de exercício de um poder. Supõe tanto o controle do outro como um alívio frente a esse ameaçador sem ordem, sem nome e sem som, para além da fronteira, que Freud tentou circunscrever com o nome de pulsão de morte. Lembremos que o caráter "demoníaco" que lhe atribuía não se situava no extremo de uma escala de valores entre o bem e o mal, mas no inevitável, na "fatalidade", poder-se-ia dizer, da repetição.

Contrariamente à pulsão, o desejo não quer ser satisfeito se essa satisfação tem como efeito apagá-lo. Se o desejo tem um objetivo, é precisamente o de conservar intacto esse fim. Tem por objetivo prolongar-se. Seria, assim, desejo de desejo. O pulsional, unindo-se ao narcisismo, fecha-se em si mesmo em uma recusa do outro que tende a ser violenta; obtura, desse modo, a possibilidade do desejo que não pode prescindir do

objeto, sendo a existência do outro consubstancial à presença e à permanência do desejo.

O triangular, através da aceitação da falta, permite ao outro ser diferente e construir o novo em cima dessa diferença. Essa forma do amor parte, assim, da falta e se abre para a criação.

A sexualidade atual mostra uma face menos íntima, menos condicionada pelos valores burgueses do privado, do recato ou da repressão. No entanto, essa liberalização da vida sexual não parece haver conduzido a um enriquecimento da mesma, ao aumento da satisfação pulsional, à libertação do desejo e à expansão das possibilidades de prazer. O sexo se desenvolve, assim, alheio às significações e aos jogos do amor, da ternura, e até do ódio, sendo aliado a uma amplificação tecnológica do prazer, que conduz, paradoxalmente, menos a uma realização da meta almejada do que a um colapso progressivo do desejo. Transforma-se em algo mecânico, planejado, centrado na eficácia funcional e próximo, nesse aspecto, às montagens cênicas das perversões. O sexo, desvinculado das vicissitudes do amor, parece conduzir a um predomínio do pulsional pouco representado no desejo, que por sua vez tende a esmorecer por falta de ancoramento em identificações sexuais organizadas em torno da significação fálica.

O interesse exacerbado pela pornografia pode ser a expressão de um voltar-se sobre o sexo autoerótico, despreendido de amor e de erotismo e de toda referência a um outro de reconhecimento e interação.

As tensões presentes na sociedade como consequência de uma crise que envolve ideais inacessíveis, unidas a uma frustração e a uma impotência crescentes, derivadas da redução do espaço de participação, descarregam-se no interior das relações com o outro, do casal e da família, como uma tentativa de conseguir protagonismo na gestão da própria vida; como querendo compensar, com isso, o vazio crescente que afeta o próprio sentido da existência. É também através desse caminho que a agressividade se faz presente no cotidiano dessas relações.

A agressividade inerente ao narcisismo tem sido amplamente trabalhada na psicanálise, principalmente a sua presença na relação dual especular. É no seio dessa relação que se instala um enfrentamento mortífero tomando a forma de uma disjuntiva radical, "ou eu ou o outro", não havendo lugar para a diferença, a mediação, a possibilidade de lugares para cada um dos dois.

O que procuro remarcar aqui é o papel que cabe à frangilização e à ruptura dos laços sociais na preparação e no desencadeamento dessas situações. Para Freud (1993f), trata-se do resultado da liberação da pulsão de morte como consequência do desintrincamento pulsional, afirmando a importância da ligação libidinal. Isso se tornará evidente nas condutas autoagressivas das crianças abandonadas, em certos "lutos" que assumem características melancólicas, mas também no entorno autoexigente e punitivo que rodeia o homem e a mulher da atualidade.

A reflexão psicanalítica em torno da sexualidade e do erotismo tem apresentado a violência como inerente a esse campo

da experiência humana a partir das pulsões sádicas, da analidade, do impulso de apreensão muscular e do apoderamento do objeto. Isto não deve ser encarado como uma afirmação absoluta. Um índice da complexidade da questão está dado justamente pela necessidade que teve Freud de reformular sua teoria das pulsões. Ela deu um passo rumo a formulações e a reformulações que incluíram a função de ligadura da pulsão de morte pelas pulsões eróticas, suporte da agressividade na luta pela vida, assim como os efeitos de desintrincamento (*Entmischung*) pulsional nas situações de perda e ruptura de vínculos que apontamos.

Considero questionável, acompanhando a posição de Galende a esse respeito, toda ideia referente a uma essência agressiva e dominadora da sexualidade masculina. Posições feministas, recolhidas e discutidas por esse autor, afirmam a existência de muita hipocrisia ou de uma formação reativa nas condutas de gentileza, de cuidado e de proteção do sexo feminino, especulando também sobre o quanto estas podem servir para não se tomar consciência de que, na verdade, ou na essência, a fragilidade e a falta de defesa da mulher podem funcionar como um fator de "excitação" e como um princípio de *razão* para proceder à apropriação e à dominação desse objeto. Essas posições essencialistas reduzem e simplificam as vicissitudes do processo de sexualização tal como ele foi teorizado pela psicanálise, desconhecendo também a dimensão histórica do problema.

As dimensões de *gozo*, no sentido que está sendo enfatizado no pensamento psicanalítico contemporâneo — isto é, diferenciando-o da significação do prazer ou do desejo — inserem-se nessa problemática. Tomando como ponto de partida a assimetria absoluta que preside a relação dual narcísica entre a mãe e a criança, as configurações ulteriores terão um caráter de reedição, mas só à medida que se articulem com relações de dominação historicamente constituídas.

O que estou privilegiando como ponto de vista é a historicidade das relações entre sexo e poder, dentro do contexto das relações sociais globais. A violência é sempre relativa à relação de um sujeito com outro: só é possível pensá-la nessa relação intersubjetiva e, por isso mesmo, só é possível captá-la quando relacionada a um sentido. Ela emergirá sempre que se pretenda impedir o fluir do reconhecimento, do jogo das diferenças, sobretudo se para isso se apela, como é de costume, ao princípio de autoridade. A violência é vivenciada como tal por quem a padece, ao ser negado como sujeito, seja como desejanse ou como existente. O que nos provoca violência é o sentimento de não existir, de não ter sido levado em conta como sujeito e ser tratado como objeto no sentido comum da expressão.

Uma hipótese forte na qual coincidem muitos trabalhos que abarcam tanto observações clínicas como constatações epidemiológicas, ou elaborações mais teóricas, é a seguinte: o que vive o sujeito que padece a violência está relacionado com o que vive aquele que impõe essa violência, o que tem como

origem diversas causas: às vezes, situações idênticas vividas passivamente no passado, mas sempre com um efeito de ameaça sobre sua própria identidade. A atuação da violência é sempre uma tentativa de recuperar o domínio sobre algo que se tem a sensação de padecer.

A violência do homem sobre a mulher pode ser entendida como causada pelos efeitos, em sua subjetividade, de uma vivência de perda de poder que põe em crise sua identidade, associada à série de determinações descritas, ou como uma tentativa de recuperá-lo. Por isso, seu exercício é acompanhado tão frequentemente por afirmações exaltadas de masculinidade. Aparece no interior da relação de um casal quando a mulher dá sinais para o parceiro de uma ruptura da cumplicidade com sua submissão ao homem.

A resolução dessas situações dependerá das forças libidinais e de diferenciação que se possam mobilizar a partir da entrada de alguma figura externa à relação, que assuma a posição de instância terceira, possibilitando o restabelecimento do laço social e a retomada do processo de reconhecimento intersubjetivo.

O episódio agressivo, nessas condições, em vez de instituir-se como sintoma repetitivo, que é o destino de muitas situações que não desembocam na dissolução do vínculo, pode vir a se constituir num "acontecimento ressignificante". Esse acontecimento vem operar como um ponto de partida para a elaboração retroativa da história, que inclua uma tomada de consciência dos pontos de incidência singulares do sistema de determinações que apontei.

Há várias décadas vem-se estudando e discutindo sobre essas problemáticas, dentro do campo da psicanálise e no espaço mais amplo das ciências sociais. Assim como em outros momentos essas questões foram impulsionadas por diversos movimentos sociais sensibilizados por elas, hoje em dia ganham nova importância através dos estudos sobre a subjetividade contemporânea e de sua presença como problema reconhecido através da mídia e da demanda assistencial. Poder conhecer e fazer interagir as diversas metodologias, linhas teóricas e pontos de vista, possibilitaria avançar no conhecimento dos problemas e construir possibilidades de intervenção com uma visão mais ampla e lúcida de sua complexidade. Poder reunir-se para desenvolver esse trabalho, poder fazê-lo em conjunto, parece importante em vista daquilo que o próprio problema, lido como um sintoma, vem mostrando.

Comentando o artigo *O mal-estar na civilização*, Galende (1991) afirma que o homem só tem duas possibilidades em relação ao outro:

[...] ou se liga libidinalmente, identificando-se com ele para constituir alguma forma de laço social, abolindo assim o domínio do *pai primitivo*, ou, desprendido dos membros da fratria, entrega-se ao domínio absoluto desse outro interior que é o *superego*. (p. 74)

3.

NARCISISMO E RELAÇÃO ENTRE OS SEXOS¹

Substituindo uma era marcada pela busca imperiosa do que se convencionou chamar de “sentido da vida”, estes últimos séculos que temos vivido permitem um posicionamento mais leve frente a ela: surge um sujeito mais indiferente, com uma modalidade afetiva menos densa, sem paixões intensas, quase apático, o que o conduz a uma existência que não comporta tragédias. Vive exatamente o oposto à tragédia; respira um ar leve, carente de dramaticidade. Quando essa leveza existencial adquire uma intensidade maior, pode tornar-se patológica, levando-o ao vazio de existir. Diferente do clima do século XIX, quando se convivia com tramas amorosas dramáticas, em que se chegava a morrer, tragicamente, por amor (Rojas; Sternbach, 1994).

Não por acaso, o vazio surge em paralelo ao que se pode entender como uma perda de sentido. O significado da vida

¹ Versão modificada do texto homônimo publicado originalmente no livro *Vínculos amorosos contemporâneos*, organizado por Purificación Barcia Gomes (São Paulo: Callis, p. 139-146).

fica sem substância e a continuidade temporal se dilui num presente eterno e fugaz. Essa diluição do sentido prospectivo da existência pessoal leva à procura de satisfações imediatas através de objetos sexuais ou de consumo. Isso limitaria a disposição de passagem para o estabelecimento de projetos individuais ou coletivos, incluída aí a família.

O sujeito da modernidade se encontrava preso em redes discursivas unívocas e cristalizadas, que davam um lugar preponderante aos sentimentos como fundamento e suporte de vínculos e instituições, enquanto que o homem pós-moderno encontra-se às vezes vazio, sem interioridade, o que se expressa por meio de um não ter nada a dizer.

Desse modo, a possibilidade de dialogar cede espaço à imagem e ao som, e a palavra perde relevância como suporte do pensamento e da subjetividade, e também como suporte da intersubjetividade e do vínculo. Corpos que teimam em se igualar a padrões estabelecidos de beleza, culto exagerado da aparência, troca de imagens mais intensa do que a troca de ideias, todas essas são apenas algumas das consequências dessa conjuntura. Como já afirmamos em outra oportunidade,

[...] o risco disso reside na convergência entre o narcisismo e a pulsão de morte. Narciso morre ao entregar-se fascinado ao seu próprio reflexo: a pretensão narcisista da coincidência absoluta com o ideal implica a morte do sujeito desejante. (Fulks, 2003, p. 74)²

² Ver capítulo 2 deste livro.

Lipovetsky (2000) destaca duas modalidades dentro do neonarcisismo: uma caracterizada por um *ego* fraco e submisso que se aliena na solicitação social, e outra que tende a liberar o *ego*, tentando uma adequação do corpo e de sua personalidade aos modelos da época. Pode-se destacar, também, que o modelo valorizado atualmente, o do indivíduo autônomo, obcecado por si mesmo, torna-o vulnerável e capaz de falências inesperadas.

Os chamados "transtornos narcísicos da personalidade" apresentam sintomas transitórios como sentimentos de vazio e depressão sutis, períodos de embotamento e passividade maníacos ou encobertos, tendências perversas e incapacidade para formar e conservar relações significativas.

No entanto, o narcisismo não é só de morte. Sua dimensão erótica também aparece no investimento na saúde e na beleza e na valorização do prazer vital. Esse narcisismo é necessário. O indivíduo requer um suporte identificatório para exercer um papel sexual, sustentar o erotismo, expandi-lo e transformá-lo em algo criativo.

O individualismo exacerbado pelos ideais desta época tende a promover modelos identitários ideais e perfeccionistas, exigindo uma autonomia na realização individual que compromete a relação com os objetos. As tensões presentes na comunidade como consequência de uma crise que envolve ideais inacessíveis, unidas a uma frustração e a uma impotência crescentes, derivadas da redução do espaço de participação, descarregam-se no interior das relações com o outro, do casal e da família. Trata-se de uma tentativa de conseguir algum

protagonismo na gestão da própria existência, como querendo compensar, com isso, também o vazio crescente que afeta o próprio sentido de existência. Essa tentativa, no entanto, fracassa.

As mudanças sofridas ao longo desses anos e as formas que assumem essas relações na atualidade fazem pensar mais em um narcisismo frio, que provoca um esvaziamento dos vínculos, do que naquele outro que induzia a um face-a-face apaixonado e ambivalente, às vezes amoroso, outras agressivo. É esse narcisismo frio que leva Bustos (2003) a sentir uma vivência de tipo apocalíptico quando descreve essas novas relações.

Para a psicanálise, o amor é um conceito fundamental e um pilar da existência. A referência à primeira relação amorosa, a que se dá entre mãe e filho, que dá suporte e potência constitutiva à existência tanto biológica como psíquica da criança, constitui o modelo de base para os amores ulteriores.

É verdade também que, como Freud (1993j) afirma, em certo momento do complexo processo de constituição do sujeito psíquico, na conjuntura em que se instala o narcisismo, abrem-se para o indivíduo possibilidades que se apresentam como uma alternativa: tomar como objeto de seu amor ao outro (a mãe) ou a si mesmo. No entanto, quando a retração libidinal sobre o eu, resultante dos conflitos no amor de objeto, torna-se maciça e exclusiva, impõe-nos um sofrimento e uma ameaça talvez maior: deveremos voltar a amar, como pudermos, para não enfermar.

O amor é destacado por Freud (1993f) como uma das "artes da vida" mais importantes na busca da felicidade e na evitação

do sofrimento, ao longo da existência do ser humano. Essa arte apresenta, entretanto, uma dualidade peculiar, porque, assim como aproxima o sujeito da ventura almejada, o expõe, como nenhuma outra, às dores da dependência: "Nunca estamos menos protegidos contra as penas do que quando amamos; nunca mais infelizes e desvalidos que quando temos perdido o objeto amado ou seu amor". Talvez por isso a civilização contemporânea, que alia o individualismo narcisístico e hedonista ao combate acirrado a toda forma de dor, parece haver renunciado a apostas de tão alto risco como a caracterizada por Freud, que prevaleciam, sem dúvida, no auge da modernidade. Narcisismo e amor de objeto seriam esses adversários clássicos que continuam a enfrentar-se, em sucessivos rounds, ao longo da história dos homens e das mulheres.

Entretanto, pouco entenderemos da complexidade das relações amorosas se não reconhecermos uma situação fundamental, que relativiza essa polaridade entre narcisismo e amor de objeto. Situação que pode ser entendida como um paradoxo, em certo sentido, necessário: a *dupla* mãe-filho, modelo básico da relação de amor em geral, é, por muito tempo, uma *unidade* narcísica, em que o outro não é plenamente um outro. Essa alteridade do objeto deverá ser reconhecida/construída por meio de um caminho em que não faltarão a dor, a insegurança e a criação.

Não é nada fácil estabelecer um padrão geral de comportamento nem abstrair um protótipo estrutural das relações de casal próprias desta época. As mudanças na relação homem-mulher

estão alterando os valores de suas identidades, levando-os a uma sensação de fragilidade desconhecida anteriormente. Coexiste um ideal leve, descontraído e descompromissado de relação entre os sexos, com histórias de situações dramáticas, caóticas, atravessadas de tensão e agressividade, que se aproximam às vezes desse perfil sadomasoquista tão frequentemente invocado em décadas passadas, mas sem chegar a coincidir totalmente com ele. Esse contraste entre sonhos e realidade fala de um mal-estar que se origina nas mudanças psicossociais da época e nos conflitos que elas provocam.

Quase todos os autores enfatizam as transformações ocorridas no que se refere ao lugar social, ao campo de ação e ao horizonte existencial que se abriu para as mulheres nas últimas décadas. As *relações de poder* que permeiam os vínculos entre homens e mulheres devem ser analisadas desde perspectivas simbólicas e materiais. Caracterizam-se por uma dominação masculina que se exerce através de uma lógica própria de todo sistema de dominação: trata-se, como afirma Pierre Bourdieu (1998), de um "princípio simbólico" que é reconhecido tanto pelo dominante como pelo dominado. Faz-se presente na linguagem, no estilo de vida, na forma de falar e de se comunicar.

Bourdieu (1998) não ignora as facetas mais explícitas e manifestamente agressivas do exercício da dominação do homem sobre a mulher, mas põe a ênfase sobre uma ordem e uma lógica que se impõem a todos com a "violência doce, insensível e invisível" do simbólico e sobre determina a significação dos atos de atores e vítimas. Em função disso, ao esforço por liberar

as mulheres da dominação deve agregar-se o esforço por liberar também os homens disso que eles impõem.

Para Emiliano Galende (2001), esse esforço requer, para além do reconhecimento dessa dominação simbólica, passar a identificar e suprimir o exercício da violência entre os sexos, reconhecer e assumir responsabilidades acerca dos modos de valorizar e significar as identidades de homem e de mulher, a fim de instaurar relações mútuas de reconhecimento e igualdade. O mundo simbólico

[...] é também uma construção dos homens e, como tal, está sujeito à sua permanente transformação pelas interações concretas em que os indivíduos desenvolvem suas vidas. (p. 28)

As alterações da relação de forças, resultantes de transformações protagonizadas pelas próprias mulheres na história recente, significou uma quebra nessa trama simbólica que sustentava os respectivos lugares. O fato de as mulheres terem sido o sujeito social dessa transformação não as isentou do custo subjetivo desse processo. Galende denomina de "fratura subjetiva" o processo de ruptura de significados e valores, que eram os que organizavam e sustentavam sua identidade subjetiva de sexo e seus comportamentos práticos.

Ao mesmo tempo, os estudos de Lipovetsky (2000) com mulheres francesas demonstram que, apesar de terem assumido uma reivindicação de autonomia e iniciativa na vida sexual,

elas continuam também aspirando àqueles componentes da relação amorosa que sempre as diferenciaram dos homens, menos necessitados de uma intimidade compartilhada.

Muitos autores, assim como a opinião pública, sublinham o impacto problemático que tudo isso tem produzido em seus parceiros do outro sexo. Os homens parecem perplexos, desorientados, em boa medida desconfiados, perguntando-se o que se espera deles. Eles se perguntam qual será o lugar que lhes corresponde junto a essas figuras nunca antes imaginadas a partir do modelo de suas mães. Resulta-lhes difícil entender o que mudou entre as expectativas "conhecidas" ou tradicionais (maternidade e criação dos filhos, espaço doméstico e privado como área de investimento prioritário, posição passiva na aproximação amorosa etc.) e uma atualidade que inclui as conquistas femininas do último século.

As primeiras transformações na vida das mulheres aconteceram no campo da intimidade, estendendo-se ao âmbito social, às relações de trabalho e à vida pública. Em todas essas áreas, desenvolveu-se uma afirmação ativa de igualdade e uma exigência ainda vigente de serem reconhecidas como pessoas de pleno direito, inseridas paradoxalmente num mundo em que não primam os valores de igualdade e justiça como princípios gerais. Nessa reafirmação de direitos, as mulheres não aceitaram o controle de sua sexualidade por parte dos homens, sem renunciar por isso à sua feminilidade, a seus direitos de amar, de obter satisfação sexual e de ser mães. Os homens, colocados numa situação que não buscaram, sentem que essas atitudes

alteram os valores que regulam sua identidade masculina e sua identidade social, vindo-se obrigados a mudar sua relação imaginária com a mulher.

Parafraseando a conhecida "confusão de línguas entre adultos e crianças" — hipótese teórica através da qual Ferenczi (1992a) explicava os efeitos traumáticos do desencontro da linguagem da ternura do sujeito infantil com a linguagem da paixão do sujeito adulto — podemos-nos perguntar se não estaremos enfrentando uma verdadeira confusão de línguas entre homens e mulheres.

Nessa configuração da mulher atual — autônoma, dona de si e sexualmente livre — resulta difícil ao homem reconhecer/aceitar uma dimensão de fragilidade que possa depender, ainda, de uma resposta de sentimento-compreensão-cuidado-reconhecimento-amor. Pode resultar disso uma atitude de desconfiança e evitação que passa a ser interpretada pela mulher como egoísmo, indiferença afetiva ou rechaço de uma parceria igualitária, com desejos e sentimentos compartilhados.

Verifica-se que a igualdade nas liberdades sexuais e a igualdade nas hierarquias não se têm revertido em maior igualdade emocional afetiva. Mas isso também poderia ser explicado por *uma nova repressão ou recalçamento no homem*, que se impõe agora mais sobre a emoção e os afetos do que sobre o sexo. O sexo vem a ocupar um lugar de *contratextia*, transformando-se em uma performance que tem como alvo uma eficácia e uma eficiência: tem que dar certo. E isso se agrega ao caráter de *desafio* que vai tomando a interação do casal em todas as frentes.

Já do lado das mulheres, quando precisam afirmar uma *performance* "de vanguarda", tendem a confundir um gesto de gentileza masculina com uma imputação de inferioridade ou de dependência. Para essas mulheres, a dependência ameaça com a redução da competitividade em qualquer projeto pessoal investido de algum valor fálico-narcísico, seja no campo do trabalho, da política, da conquista erótica e da própria maternidade (por exemplo, a "produção independente"). A emotividade também pode estar em questão para elas: desconfiam de uma proximidade afetiva na qual venha a faltar a tensão erótica, e que acabem sendo "como irmãos". Por um outro desses fatores, procuraram, frequentemente, um remanso apaziguador junto a amigos homossexuais em que, teoricamente, o pulsional não ameaça e elas se veem livres da exigência de ter que seduzir ou de ter que gozar.

Diversos fatores se somam para produzir esses fenômenos, associados geralmente aos ideais da época. A satisfação sexual máxima é vista como condição e sinal de bem-estar psicológico e boa saúde, o que constitui um dos grandes mitos da contemporaneidade. A exaltação do individualismo, somada à competição acirrada que impera no espaço social global, infiltra-se também nas relações pessoais, inclusive nas de casal, impregnando as iniciativas que buscam reformular a distribuição de espaços e papéis de caráter belicoso e competitivo entre marido e mulher. Finalmente, tende-se a estabelecer uma competição sem fim e sem saída, baseada no princípio de que o homem não pode desistir de "provar" sua

masculinidade, a partir da qual propõe saciar o desejo de sua companheira, e a mulher nunca é suficientemente mulher para saciar o desejo dele.

Predomina um confronto especular de semelhantes, competindo pelo número de medalhas olímpicas, sem uma intersubjetividade que sustente um jogo de diferenças, de matizes e de enigmas, de visibilidade e velamento, com espaço para o desenvolvimento do humor e da ironia.

Podemos postular, seguindo Paul Verhaeghe (2001), que o confronto especular apontado corresponde ao predomínio de uma relação dual narcísica, sendo que o vínculo intersubjetivo só se tornará possível na medida em que se passe a uma configuração triangular, constituída pelo *eu*, o *outro* e a *falta*. A falta é impossível de ser preenchida. No modo dual, o eu se vê compelido a suprir a falta no outro de forma total, absoluta e concebida a partir de um saber não sujeito à dúvida, apoiado em ideais preestabelecidos e supostamente compartilhados.

O triangular, através da aceitação da falta, permite ao outro ser diferente e construir o novo em cima dessa diferença. Essa forma de amor parte da falta e se abre para a criação.

Assim, o verdadeiro desafio que se apresenta para a relação entre os sexos, hoje, é o de criar liberdade no próprio interior da relação, evitar a armadilha dos comportamentos forçados e desenvolver um projeto em que a opção de avançar ou retirar-se esteja presente, sem ameaçar a identidade e a bagagem subjetiva conquistada.

TRANSTORNOS NARCÍSICOS E SUA RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA¹

A procura do amor, a satisfação de necessidades e a vontade de viver são o que leva o indivíduo à procura do objeto e abre espaço para o desejo e a fantasia. A realidade só pode ser investida se possibilita alguma forma de prazer e satisfação. Inversamente, a tendência a desprender-se do outro, a aniquilá-lo na sua vida psíquica, sobrevém quando a realidade se torna traumática para o sujeito, e uma fonte de frustrações e de ódio.

A realidade social atual, dentro da qual se destaca a premência das exigências socioeconômicas e um neoindividualismo exacerbado, coloca à prova a capacidade dos indivíduos para enfrentá-las. Como não faltam os fracassos, entra em jogo a economia narcisista que tenta amenizar as dificuldades do eu com a realidade.

É na tensão entre o individualismo atual e as exigências da realidade que se produzem as chamadas patologias narcísicas.

¹ Texto apresentado na mesa-redonda "Transtornos narcísicos", promovida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, em 2002.

Julia Kristeva (2002) descreve muitos pacientes de hoje como tendo uma fachada superficial histérica ou obsessiva — que os torna parecidos com os pacientes clássicos —, sob a qual afloram rapidamente “enfermidades da alma” que evocam, sem se confundir com ela, a impossibilidade dos psicóticos para elaborar traumas insuportáveis. Para essas dificuldades de *representar*, para esse vazio interior, que sinaliza a insuficiência elaborativa resultante das vicissitudes dos processos de interiorização, os analistas — diz Kristeva — inventam novos termos: transtornos narcisistas, sobreadaptados, *borderlines* etc. São, sim, produto dos novos tempos, mas não deixam de ser também, variantes contemporâneas das carências narcísicas próprias de todas as épocas.

Heinz Kohur (1971) caracteriza essa problemática da subjetividade contemporânea como própria do Homem Trágico, diferente do Homem Culpável compreensível pela metapsicologia das neuroses de transferência analisadas por Freud. Trata-se, para ele, de configurações metapsicológicas diferentes, resultantes de processos constitutivos e patogênicos igualmente diferenciáveis. As condições da vida familiar, frequentemente associadas ou superpostas à atividade produtiva, à intimidade doméstica compartilhada e à proximidade dos corpos, alentavam os conflitos de desejo e proibição descortinados pela psicanálise. Na contemporaneidade, a pouca frequência de contatos, o distanciamento no espaço e a pouca visualização da atividade dos pais torna-os distantes e abstratos, induzindo uma problemática centrada nas dificuldades de identificação, autorreconhecimento e valorização.

Quando prevalecem os conflitos narcisistas, as pessoas se centram mais em si mesmas, sofrem de ambições desmedidas, fantasias grandiosas e necessidade de reconhecimento e admiração dos outros, o que as torna sumamente sensíveis a desilusões e fracassos.

A configuração das relações de objeto é muito variável, mas a função que desempenha o objeto na economia narcísica é decisiva para sua compreensão. A quebra do equilíbrio narcísico se manifesta na forma de risco de fragmentação (medo de um colapso), perda de vitalidade e diminuição do valor do eu. Quando ocorre a depressão, predomina uma angústia difusa e um sentimento de vazio interior. As queixas mais frequentes se referem à dificuldade de regulação da autoestima, às variações de humor, desânimo, hipocondria, transtornos do sono e do apetite.

Muitas dessas pessoas que sofrem de perturbações narcísicas vivem em estado de ansiedade constante e vivenciam as demandas da realidade exterior, especialmente quando essas provêm de sua relação com os outros, como uma ameaça permanente para seu frágil equilíbrio psíquico. A tendência ao isolamento é sentida como proteção em relação a um ambiente que percebem hostil e frente ao qual reagem também com hostilidade. Esse reforço do narcisismo aparece reativamente frente a uma integridade *egoica* que sentem ameaçada. O problema com o qual se defrontam é ter que assimilar algum aspecto da realidade que questiona ou ameaça fortemente sua identidade ou sua autoestima, enfrentando-os com o risco de ficarem

expostos e indefesos numa situação sobre a qual perderam o domínio. A ruptura de códigos e a diluição dos sistemas de reconhecimento incrementam a fragilidade identitária.

A reação narcisista pode aparecer inicialmente por meio do desenvolvimento de uma sensibilidade paranoide, com incremento da projeção para o exterior da fúria, do ódio e de impulsos destrutivos. Ou na busca de apagar sensações por meio do álcool, das drogas ou no isolamento extremo para não serem perturbados. Em alguns casos, ocorre uma oscilação entre o retraimento narcisista sobre si mesmo e o investimento libidinal direcionado aos objetos, o que os leva a uma batalha interior entre a angústia, a dor e o ódio.

A perda traumática de algum objeto idealizado, de alguma posse valorizada ou da própria autoestima, ameaça destruir o funcionamento *egoico*, especialmente quando o indivíduo perde a possibilidade de um outro que o contenha em vínculos de intimidade, segurança e confiança. Pode estar em jogo, nesses casos, a falta real de substitutos, ou a incapacidade para ser ajudado, mesmo tendo a possibilidade de encontrar um objeto que venha a lhe dar conforto.

A reação pode ser similar em casos de angústia frente a uma fantasia de fusão devoradora com o outro. Nas duas circunstâncias, tanto a de não contenção por afastamento ou perda, como a de angústia de aniquilamento por aproximação excessiva, o sujeito terminará construindo defesas narcísicas frente ao pânico de uma ameaça a seu sentimento de identidade. Por vezes, a violência emerge como sinal de que toda

contenção tem sido abolida. A agressividade, nessas situações, pode ser considerada raiva narcisista, ou seja, defesa de um *self* vulnerável e, por isso mesmo, hipersensível.

O indivíduo vulnerável do ponto de vista narcisista responde à ferida narcísica real com um retraimento vergonhoso (fuga) ou com fúria narcísica (luta). A fúria narcisista manifesta-se de muitas formas, como, por exemplo, a necessidade de vingança, de fazer justiça, mas o que chama a atenção é a compulsão e a inflexibilidade na consecução de tais metas. Essa seria uma característica que as diferencia de outros tipos de agressão.

Um paradoxo do funcionamento narcisista consiste em que, quando se perde a possibilidade de ser contido pelo objeto ou pelo entorno, as ansiedades e os anseios do indivíduo o levam a permanecer "fixado" ao outro ou à realidade frustrante ou traumática. Essa curiosa reação pode ser observada nas crianças e nos melancólicos, em quem o terror frente à perda insupportável não provoca a fuga, senão a fusão com o objeto ou com a situação ameaçadora.

A afirmação de que *por trás da força do narcisismo se encontra a fragilidade do eu* parece resumir bem o cerne da questão, tanto teórica como clínica, presente nessa problemática.

A dinâmica fundamental do narcisismo, diz Giddens (1995):

[...] poderia ser mais a vergonha do que a culpa. Os sentimentos alternantes de magnificência e falta de valor com que o narcisista é obrigado a se confrontar são essencialmente uma resposta à sua frágil identidade *egoica*.

Para Kohut (1971), a angústia de desintegração é a angústia central. Corresponde a um *déficit*, a um traumatismo por defeito, dado pelas falhas do objeto externo em satisfazer as necessidades narcísicas. Opõe-se à tese do conflito, que ele remete, como vimos antes, às patologias da época precedente. E se opõe também às posições pós-freudianas que sustentam que o narcisismo das patologias contemporâneas é defensivo ante as pulsões ou a alteridade.

Qual é o elemento distintivo que permite construir os transtornos narcísicos como categoria psicopatológica?

Hugo Bleichmar (1997) trabalha longamente essa questão. Para ele, a especificidade do narcisismo na clínica reside no *sistema de significações ou perspectivas* desde o qual se organiza a captação de qualquer atividade, pensamento, sentimento ou tipo de vínculo. Tudo é vivido em termos valorativos do sujeito, de como se situa dentro de uma escala comparativa de virtudes ou defeitos e de superioridade-inferioridade em reação a modelos ideais ou a personagens que representem esses modelos.

Por exemplo, frente a uma doença, o sistema de significações fóbico levaria o paciente a temer a morte. Desde um código paranoide, poderia pensar que alguém provocou a enfermidade e, dentro do código narcísista, o que sente é inferioridade por ter um corpo que é considerado fraco e com tendência a adoecer. Consideram-se transtornos narcísicos tanto os casos em que a autoestima está aumentada (sentimentos de grandiosidade, de ser alguém excepcional) como aqueles outros em que o

sujeito se sente profundamente inferior, inseguro em qualquer atividade que faça.

Para Kohut (1971) e a psicologia do *self*, destacam-se a dificuldade ou o fracasso na sustentação da autoestima, o sentimento de inferioridade, a tendência a depender de figuras das quais o sujeito recebe admiração e com as quais tenta fusionar-se e, como condição geral, a dificuldade em manter um *self* coeso.

Voltando a Bleichmar (1997), temos duas patologias bem diferentes: a *hipernarcisização*, com sentimento básico de megalomania, e o *déficit de narcisização*. No caso de *hipernarcisização primária*, trata-se de crianças que foram cuidadas pelos pais como deuses, que se identificaram com pais megalômanos que depositaram nos seus filhos seu próprio sentimento de grandiosidade.

A denominação de *hipernarcisização primária* se dá para marcar que não resulta de uma compensação defensiva do psiquismo frente a traumatismos narcísicos, e sim de uma identificação primária com a grandiosidade dos pais e com a imagem que os pais tinham dele.

Kernberg (1975), entretanto, caracteriza o transtorno narcísista pelo mecanismo defensivo do sujeito que, não conseguindo tolerar a dependência por inveja, constrói um sentimento de grandiosidade que mantém graças ao ataque dirigido aos objetos internos e às figuras externas. Trata-se de uma *hipernarcisização secundária compensatória*, produto do conflito que a inveja promove com agressividade contra o objeto interno e externo.

Kohut (1971) enfatiza o que corresponde a um *déficit* primário de narcisização não compensado por tentativas sempre falidas.

Fica clara a importância de estudar a articulação da *agressividade* e as *tendências libidinais* com a problemática narcisista. Cada uma dessas dimensões tem forte influência tanto quando a autoestima está diminuída como quando existe uma hiper narcisização primária. A impossibilidade de saciar a necessidade de domínio provoca a raiva narcisista. A realidade ou o desejo do outro se constituem em obstáculos para essa realização.

Dependendo do predomínio das *tendências agressivas* ou amorosas, geram-se perfis clínicos diferentes. Rosenfeld (1968) denominou *narcisismo destrutivo* o que observou em certos pacientes que, por inveja e rivalidade, atacam o objeto, servindo, essa potência destrutiva, de suporte ao sentimento megalomaniaco. Antes de serem amados ou admirados, preferem ser temidos. A grandiosidade não se alcança por meio do amor do objeto, senão através do respeito que o medo de seu poder seria capaz de inspirar. É a grandiosidade dos ditadores que habita frequentemente, como modelo ou figura de identificação, a imaginação e os devaneios desses pacientes.

Na modalidade libidinal, vemos um sujeito expansivo, que engloba os outros em sua megalomania, que os quer dentro do circuito de admiradores, mas que, se não consegue esse objetivo, deixa-os de lado sem atacá-los e passa a buscar outros admiradores. Precisa dos outros como acompanhantes ou parceiros momentâneos do clima de exaltação e festa que conseguiram criar desde seu interior. Os outros não são percebidos

em sua individualidade e autonomia e sim como complemento de uma satisfação autocentrada.

O dano que produzem é por desatenção e frustração do objeto, mas sem ter uma intencionalidade agressiva. Não existe o prazer de fazer sofrer próprio da modalidade *destrutiva*.

Um autor contemporâneo, Philippe Jeammet (1998), põe ênfase na observação de que existe, nas manifestações da violência, uma relação em espelho entre quem atua e quem a padece. Essa especularidade mostra que a problemática narcísica está presente. Em geral, o sujeito que atua a violência sente-se ameaçado na sua subjetividade, na sua identidade, e pôr em jogo a violência é uma forma de recuperar o domínio, fazendo padecer ao outro o que se tem sofrido. Esse seria um caminho para entender os atos violentos. Nas patologias vinculadas com a violência vemos que a uma ameaça narcisista vá responder uma tentativa de recuperação, através da ação contra o outro ou contra si mesmo — tentativa de recuperação masquista da violência padecida. Seria uma defesa em relação a uma ameaça contra o narcisismo e a identidade do sujeito, representada inicialmente por um agir intrusivo que impediu a consolidação de uma interioridade estável e diferenciada no processo de constituição subjetiva. O fenômeno que desencadeia a violência, mais uma vez, está vinculado à ameaça narcísica e da identidade. São as carências narcisistas e as falhas da identidade o que produz uma situação de vulnerabilidade que leva à violência. A violência é encarada, nessa perspectiva, não como um excesso de energia, mas como uma

energia que não se pode derivar por uma rede de deslocamentos que permitiria um trabalho de diferenciação qualitativa, e que, condensando-se, conduz a uma necessidade de descarga contra si mesmo e contra o outro. São conceitos que remetem às ideias de André Green (1988). A violência é, assim, uma perda do trabalho de diferenciação que salvaguarda a própria identidade, sendo que esse trabalho somente se tornará possível pela presença diferenciada de um terceiro, que opera como referência.

Desde 1914, em *Introdução ao narcisismo*, Freud começou a pensar sobre o papel de uma instância crítica interior na regulação da autoestima. Sua gênese e sua constituição eram complexas, envolvendo uma herança do narcisismo primário infantil e um processo de internalização do olhar e do discurso dos pais endereçados à criança.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921, Freud, que ainda não tinha desenvolvido o conceito de *superego* e utilizava o de ideal do *ego*, assinala que os seguidores do líder colocam no próprio líder seu ideal (do *ego*). Isso também acontece na paixão, quando o namorado delega ao objeto de amor as funções que habitualmente realiza o *superego* ("teus desejos são para mim, ordens").

A existência de um *superego* colocado na figura externa à qual se delegam funções, ou de um *superego* projetado no outro, porque permite lidar mais facilmente com a culpa, são alternativas que encontramos em sujeitos em que essa instância ideal já se constitui como estrutura intrapsíquica.

Mas existem pessoas nas quais o *superego* permanece no estado pré-estrutural, sem interiorização das normas e ideais, ou não tendo sido catexizado com libido idealizante (Kohut). A figura externa, em consequência, continua sendo a que gera representações normativas no sujeito e exerce as funções do *superego*.

Kohut (1971) descreveu a forma em que o objeto que denominou *objeto-do-self* cumpria as funções de especularização — admirar o sujeito — e a de ser uma imagem parental idealizada com a qual o sujeito podia identificar-se e gozar dessa idealização. Para ele, essas funções, que correspondem primariamente ao objeto externo, são interiorizadas posteriormente pelo sujeito, transformando-se em estruturas intrapsíquicas. Isso só pode ocorrer nas condições em que a frustração com o objeto externo é gradual e não maciça, pois, à medida que o sujeito vai-se desiludindo do objeto externo, pode ir-se apropriando aos poucos das funções que ele cumpria.

Outras pessoas, pelo contrário, quando lhes falha o objeto externo como suporte do narcisismo, voltam-se para si mesmas, rejeitam o objeto, tornam-se arrogantes, narcisizando-se desde seu próprio *superego* para demonstrar que são mais valiosas que o objeto, ao qual passam a rejeitar ativamente. É o que Kohut (1971) descreve como *apelação defensiva a um self grandioso*, soberbo, insensível ante o objeto externo, para não sofrer o que se sente como falta de empatia e de reconhecimento por parte do objeto.

Podemos dizer que a patologia narcisista resulta, por um lado, de um código desde o qual se capta o sujeito (a pergunta seria: qual é o meu valor?) e, por outro, das características de três sub-estruturas do psiquismo: representação do *self*; ambições e ideais; e consciência crítica. Essas três sub-estruturas, em sua articulação, darão o balanço da autoestima.

No equilíbrio narcísico, a ferida narcísica tende a ser reparada por meio da relação de apego e através do sistema de valores. Em geral, o sistema de valores é um dos reguladores de nosso equilíbrio narcísico. Quando se alteram os valores nos quais acreditamos — os ideais —, é a imagem de si mesmo a que se abala. Esse desabar narcísico tende a gerar reações violentas. A violência não seria um excesso de energia, mas uma energia que não se pode expandir numa rede de deslocamentos que permitiria um trabalho de diferenciação. Pelo contrário, quando se concentra, produz uma necessidade de descarga contra si mesmo e contra o outro. Na violência, perde-se o trabalho de diferenciação que é necessário para sustentar a identidade. Frente à *tensão narcísica*, sofrimento pelo sentimento de ser insuficiente em relação aos modelos ideais de perfeição física, moral ou mental, ativam-se no psiquismo movimentos defensivos destinados a compensá-la. Isso obriga a diferenciar mecanismos de defesa, no sentido clássico da expressão, e defesas compensatórias. Os mecanismos de defesa são atividades do psiquismo que tendem a ocultar da consciência aquilo que é intolerável ao sujeito; o não aceito é recalçado, negado, projetado, mas permanece no inconsciente.

Na patologia narcísica, o sujeito sente-se inferior, mal com ele mesmo, mas esse mal-estar fica alheio a sua consciência. No caso das defesas compensatórias, no entanto, o psiquismo é capaz de construir uma realidade psíquica que tenta diminuir ou anular o sofrimento narcísico. Bleichmar (1997) enfatizará que a defesa compensatória será bem sucedida na medida em que a defesa representações inconscientes de um *self* ideal — talvez o *self* grandioso a que se refere Kohut (1971). O que ele remarca é que não se trata de um mecanismo de defesa que opera entre os sistemas pré-consciente e inconsciente, mas sim de uma transformação no próprio interior do inconsciente.

As diversas formas pelas quais se pode manifestar a tensão narcísica — sentimentos difusos de mal-estar do sujeito consigo mesmo, de desvitalização, de vazio, apatia, inferioridade etc. — impulsionam diferentes movimentos para sair desse estado penoso. Eles vão desde a utilização do objeto como forma de obter um sentimento de valia até a obtenção de um prazer muito primário, corporal, que possa proporcionar um mínimo de satisfação. Sexualidade compulsiva, ingestão patológica ou o masoquismo erógeno são manifestações disso, que permitem ao sujeito voltar a relacionar-se com o prazer depois da perda de interesse que a depressão ocasiona.

Quando nos vemos frente a um quadro de anorexia, ou diante de formas compulsivas de sexualidade, condutas exibicionistas ou dependência com respeito a objetos que se idealizam, ou frente a uma agressividade com prazer sádico nas relações interpessoais, devemos-nos perguntar se, por trás dessas

manifestações patológicas, não há um sujeito com sentimentos de inferioridade, de vazio e de desvitalização, para quem tudo é preferível antes de permanecer preso a sentimentos tão dolorosos.

No caso de as angústias narcísicas serem as determinantes, só sua elaboração psíquica permitirá alguma modificação das condutas patológicas que são sua consequência. Por isso, se estamos frente a uma anorexia nervosa, na qual o sujeito tenta compensar, com uma determinada imagem corporal, um transtorno narcísista de outro tipo (por exemplo, sentimentos de não ser querido), o fato de nos centrarmos no sintoma alimentar deixará o transtorno de fundo, impedindo o avanço do processo terapêutico. A isso se acrescenta o risco de trocar uma sintomatologia por outra, como adicção, sexualidade compulsiva ou procura incessante de vínculos.

Os pacientes narcísistas são sumamente suscetíveis às falhas de percepção ou empatia por parte do analista. Exigem uma atenção seletiva às vicissitudes de sua autoestima, reclamam se não são levados em conta seus pontos fracos para não se sentirem exigidos ou confrontados em questões que suscitam sentimentos de impotência e angústia. Os narcísistas são pessoas que sofreram decepções na relação com os pais que deixaram marcas, feridas. É por reação a essa decepção que "escolhem" amar-se. Pretendem que as interpretações do analista sejam claras, precisas e sem ambiguidades. Ao mesmo tempo, eles não mantêm um zelo equivalente nas suas comunicações, nem levam em conta as necessidades do analista

de se situar a partir dos dados fornecidos. São impacientes e gostariam, na verdade, de não precisar falar para serem entendidos. De fato, as possibilidades empáticas do analista serão cruciais para o estabelecimento e desenvolvimento do processo terapêutico.

Kohut (1971) insiste também sobre o fato de que as inevitáveis falhas dessa empatia, na medida em que sejam graduais, conduzem a uma quebra na deposição das funções complementares no outro, conduzindo a uma internalização da capacidade de reconhecimento e à consolidação de um ideal de *ego* autônomo.

Os autores kleinianos Rosenfeld (1968) ou Kernberg (1975; 1986), que, como vimos antes, enfatizam o papel da agressão, da inveja e dos ataques ao objeto no conflito intrapsíquico e interpessoal, sustentam que é essencial encarar desde o início a transferência negativa e a hostilidade não aceita pela consciência mediante a interpretação sistemática desses aspectos.

Sob tal perspectiva, esses autores tratam os transtornos narcísistas como o fariam com qualquer outra patologia: fazer consciente o inconsciente, deixar descobertos os desejos agressivos e a rivalidade edípica ou pré-edípica, observando como esses conflitos se desenvolvem com o terapeuta e com as figuras significativas do paciente. A elaboração desses aspectos conduzirá a uma diminuição do posicionamento grandioso, entendido como uma tentativa defensiva de compensar ou diminuir a intolerável superioridade do rival edipiano ou como rejeição da inevitável dependência do objeto.

As diferentes perspectivas psicopatológicas e terapêuticas que temos descrito nos permitem entrever não somente a complexidade desses quadros, mas também as dificuldades que devem enfrentar os analistas ao tratar um tipo de paciente que se apresenta com frequência crescente em sua clínica.

A compreensão das vicissitudes de sua vida psíquica e das necessidades, ansiedades e paradoxos que impregnaram seus vínculos podem ajudar a lidar com as dificuldades da transferência e a admitir uma maior plasticidade no manejo do *setting* analítico.

Reconhecer, finalmente, na emergência dessas patologias, as características de um sintoma analisador das tensões e conflitos de um contexto sociocultural comum, que nos constitui em simultaneidade, permite articular a violência intrasubjetiva que neles observamos com aquela que atravessa os diversos espaços: a dos vínculos cotidianos, a que existe no interior das casas, a que existe nas ruas e a que invade as relações entre países e raças. Essa articulação ajuda a aprofundar a dimensão crítica que é consubstancial à psicanálise desde seus primórdios.

5.

DIFERENTES MOMENTOS DA EVOLUÇÃO FEMININA¹

Estamos vivendo uma época em que os papéis sociais, sua distribuição por sexo e sua valorização relativa estão sujeitos a discussão e reelaboração permanente. Sabemos quando isso começou: em meados do século XX. E não podemos predizer quando acabará, ou se irá mesmo acabar. Embora essas transformações não possam deixar de envolver tanto mulheres quanto homens, não o fazem da mesma maneira para ambos, nem adquirem a mesma significação, em função da história precedente. Para as mulheres, o mais insólito, em alguma medida fascinante, mas também assustador, é a vivência de uma autodeterminação, ou de uma autonomia na exploração das possibilidades, nas escolhas ou até na criação ou invenção de alternativas. Se por um lado essa abertura às opções pessoais

¹Texto apresentado no dia 31 de agosto de 2001, na I Jornada Temática "Figuras Clínicas do Feminino no Mal-estar Contemporâneo", promovida pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, e publicada originalmente no livro homônimo, organizado por Silvia Leonor Alonso, Aline Camargo Gurfinke & Danielle Melanie Breyton (São Paulo: Escuta, 2002, p. 105-114).